



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Expansão da OTAN Pós Fim da URSS: Impactos para Segurança Russa e Geopolítica Global

Alessandro Fernandes^I

Marcos César Borges da Silveira^{II}

Resumo: O atual processo da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN, parece ter sido o limite aceitável pelo Kremlin. O objetivo do presente estudo é apontar os precedentes históricos que levam a oposição, por parte do Governo russo, a expansão da OTAN rumo aos países que compunham a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em especial, a Ucrânia. A reflexão acerca das tensões da Rússia com o Ocidente ganha pertinência histórica à medida que estas inquietações podem reorganizar a geopolítica mundial.

Palavras-chave: OTAN; Rússia; Ucrânia; Guerra Fria; Eurásia

NATO Expansion After the End of the USSR: Impacts for Russian Security and Global Geopolitics

Abstract: The current process of NATO expansion appears to have been the limit acceptable to the Kremlin. The purpose of this study is to point out the historical precedents that lead to opposition, on the part of the Russian government, to NATO's expansion towards the countries that made up the former Union of Soviet Socialist Republics, in particular Ukraine. Reflection on Russia's tensions with the West gains historical relevance as these concerns can reorganize global geopolitics.

Keywords: NATO; Russia; Ukraine; Cold War; Eurasia.

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

Introdução

O processo da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), absorvendo repúblicas que se encontravam sob influência soviética, iniciou-se em 1999 e avançou até 2004, com a inclusão das Repúblicas Bálticas, Lituânia, Letônia e Estônia, que compunham a antiga URSS. Esse parece ter sido o limite aceitável pelo Kremlin para expansão da OTAN, que, desde então, já expressou vários sinais de repulsa a qualquer movimento que considere uma aproximação das antigas Repúblicas Soviéticas ao Ocidente. Tal contrariedade é ainda mais latente quanto se trata da possibilidade de ingresso da República da Ucrânia na OTAN, visto que o seu território é estratégico para segurança russa desde o reinado de Catarina, a Grande, no século XVIII^{III}.

Através deste estudo analisaremos quais os motivos que mobilizam os interesses russos a impedir a expansão da OTAN, mediante a adesão da Ucrânia, e, no caso, o que diferencia este movimento das recentes expansões da aliança incluindo antigas Repúblicas Soviéticas e os países nórdicos.

Frente ao exposto, o principal objetivo do presente estudo é apontar os precedentes históricos que levam a oposição por parte do Governo russo a expansão da OTAN rumo aos países que compunham a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e, em especial, a Ucrânia. Para tanto pretendemos examinar a gênese da Guerra Fria que opôs os blocos capitalistas e socialistas e que serviu de fundamento para o surgimento da OTAN e do Pacto de Varsóvia, e ainda determinar os riscos da expansão da Aliança em direção a fronteira russa.

A reflexão acerca do conflito da Rússia com o Ocidente ganha relevância à medida que, além dos riscos de uma escalada da guerra, inclusive, envolvendo o uso de armas nucleares, as tensões político-militares e econômicas envolvendo, de um lado o Ocidente, EUA e seus aliados europeus, e, de outro a Rússia, apontam para uma reorganização do tabuleiro geopolítico mundial. A aproximação da Rússia e da China, mais do que um retorno a uma configuração bipolar, semelhante ao existente no período de Guerra Fria, aponta, dado a importância dos BRICS, para a emergência de um sistema mundial multipolar protagonizado pelo chamado sul global.

Guerra Fria

A expressão Guerra Fria foi universalizada pelo artigo *The Cold War*, publicado no *New York Herald Tribune* por Walter Lippmann em 1947^{IV}. O debate historiográfico referente ao surgimento da Guerra Fria ainda suscita discussões e versões. A visão ortodoxa estadunidense defende que a Guerra Fria decorreu de um movimento de expansionismo e ameaça militar ao Ocidente por parte dos Soviéticos.

Dentro dessa corrente, encontra-se ainda uma subdivisão que diverge na explicação das origens de tal política externa agressiva soviética. Autores ortodoxos e neo-ortodoxos entendem que, ao final da Segunda Guerra, os países democráticos da Europa Ocidental, sentindo ameaçados pela expansão soviética, buscaram auxílio dos EUA, clamando por proteção militar, ocorrendo um imperialismo por convite^V, o que não se sustenta quando confrontada com a política cautelosa levada a cabo por Stalin, com diretrizes emanadas aos comunistas gregos, franceses e italianos, na busca de moderação de suas demandas, procurando atuar nos marcos nacionais^{VI}.

Alguns analistas adotam a visão realista, dado que entendiam que essa expansão decorria da busca de maximização de segurança e poder, natural a toda grande potência. Outros,

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

porém, entendiam que esse movimento sucedia de uma posição ideológica, que pretendia abolir os estados-nações e expandir a ideologia marxista-leninista. Ambas as correntes coincidem em identificar a URSS como responsável pelo início das divergências, ao passo que as posições americanas decorrem apenas de uma resposta em defesa a tal ameaça^{VII}.

Já sobre o prisma da ortodoxia soviética a Guerra Fria é resultado da agressividade dos EUA e aliados que, após o final da guerra, descumpriram os acordos firmados em Teerã, Ialta e Potsdam e buscaram subverter a ordem na esfera de influência soviética, ameaçando interesses que Stalin considerava basilares à segurança soviética^{VIII}.

Por fim, o Revisionismo surge como uma crítica à ortodoxia estadunidense, responsabilizando os EUA pelo início da Guerra Fria, entendendo que a URSS buscava uma cooperação internacional e, devastada pela guerra, não representava ameaça à Europa ou ao mundo capitalista^{IX}.

Entretanto, as tensões entre a então URSS e as Repúblicas Aliadas já se iniciaram durante a Segunda Guerra, em 1941, quando a diplomacia soviética pleiteava dos demais aliados auxílio no combate às tropas nazistas. À medida encontrou resistências, em especial por parte da Inglaterra de Winston Churchill e a negativa aliada implicou pesadas baixas das tropas soviéticas, causando enorme desconforto no Estado-Maior Soviético^X, além da destruição de grande parte da infraestrutura da URSS. Tal omissão, além de possibilitar ao Exército Vermelho ocupar extensos territórios da Europa Central e Oriental, alimentou a ideia de que os aliados desejavam que a URSS saísse devastada da guerra com a Alemanha^{XI}.

Além disso, a postura de negar o pagamento de reparações de Guerra por parte da Alemanha visava dificultar o processo de reconstrução soviética, retardando a recuperação de seu território e levando-os a desmontar as unidades industriais e termoeletricas na área alemã sobre sua influência e, inclusive, utilizar prisioneiros de guerra nas obras de reedificação das estruturas arrasadas, num esforço que contrastava com os vultosos capitais investidos pelos EUA no lado ocidental de Berlim^{XII}. Com o final da Segunda Guerra Mundial as divergências ampliaram-se, uma vez que, “assim que não houve mais um fascismo para uni-los, capitalismo e comunismo mais uma vez se preparavam para enfrentar um ao outro como inimigos mortais”^{XIII}.

O Acordo de Ialta buscou realizar a divisão do mundo em área de influências entre as Nações Aliadas, procurando anular a supremacia do Exército Vermelho sobre grande parte da Europa. Com a morte de Franklin D. Roosevelt, em 12 de abril de 1945, seu vice, Harry S. Truman, possibilitou a ascensão de setores conservadores, ligados ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, contrários a política de reconhecimento dos avanços militares das forças soviéticas, forçando uma posição mais incisiva por parte dos Estados Unidos e Grã-Bretanha na conferência de Potsdam, que ocorreu entre os dias 16 de julho e 2 de agosto de 1945, impondo óbices as posições Soviéticas e apresentando um trunfo: os EUA haviam testados com sucesso a bomba atômica, forçando os soviéticos a recuos nas decisões tomadas nas demais conferências^{XIV}.

Dessa forma apesar do sacrifício do exército vermelho na retornada dos territórios ocupados pelo eixo, percebia-se um movimento, por parte dos “aliados”, de remoção da influência soviética sobre as áreas libertadas aos nazistas. Além dos mais, Stálin receava um ataque por parte das forças ocidentais ao final do conflito mundial.

Longe de um comportamento paranóico, tal receio estava respaldado em informações obtidas junto ao Gabinete de Guerra Britânico, inclusive, as ordens recebidas pelo Marechal Bernard Montgomery para que passasse a estocar as armas nazistas apreendidas para um

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

possível enfrentamento com o exército vermelho, tendo em vista reestabelecer a liberdade da Polônia na chamada *Operation Unthinkable*^{XV}.

Pensando em garantir “governos amigos” nas suas áreas fronteiriças, uma medida fundamental para prevenir as sucessivas invasões pelas planícies ao norte da Europa, Stálin considerava o controle sobre o território polonês como ponto inegociável de sua segurança externa^{XVI}. Entretanto, a postura estadunidense de consolidar-se como única potência global, impôs recuos na Europa aos interesses soviéticos e impediram sua participação na rendição formal do Japão, fatos esses determinantes para intensificação dos conflitos que resultaram na Guerra Fria^{XVII}.

A URSS intensificou a repressão em sua área de influência, como forma de manter controle sob essa região no pós-guerra, levando Churchill a pontuar a sentença “Cortina de Ferro”, expressão imortalizada no seu discurso de Fulton em março de 1946^{XVIII}.

Em 1947 o Presidente Truman solicitou ao Congresso estadunidense aprovação de R\$ 400 milhões de dólares para auxílio da Grécia e Turquia, áreas inicialmente sobre influência do Império Britânico, acusando, sem citar o nome, a URSS de apoiar a guerrilha comunista grega, fato negado pelo Kremlin^{XIX}.

A migração de trabalhadores jovens e qualificados rumo a porção capitalista da capital alemã, levou a criação de restrições de circulação entre as regiões de Berlim. Em resposta a decisão de França, EUA e Grã-Bretanha de estabelecer uma moeda única para a Alemanha, o Kremlin ampliou a restrição a circulação entre as zonas capitalistas e socialistas, culminando com um bloqueio total em 24 de julho de 1948^{XX}.

Como Berlim Oriental ficava incrustada em território sobre domínio soviético o abastecimento do lado ocidental era realizado sobrevoando áreas soviéticas, o bloqueio deveria estrangular a região e forçar a retirada das tropas não soviéticas. A resposta estadunidense foi inesperada, estabelecendo uma ponte aérea com mais de mil voos diários, o que deixava a URSS em um dilema. O estrangulamento de Berlim Ocidental somente ocorreria em caso de optar-se por derrubar os aviões americanos, o que equivalia a uma declaração formal de guerra contra uma nação que não hesitou em lançar bombas nucleares contra um inimigo derrotado. Diante deste cenário, o Kremlin apostou que os EUA não teriam condições de manter os custosos voos de abastecimento por muito tempo. O bloqueio foi suspenso - pouco mais depois de um ano após o seu início - em 12 de maio de 1949, todavia o bloqueio foi um dos motivos que levaram a criação da OTAN^{XXI}.

Organização do Tratado do Atlântico Norte

Atendendo aos interesses da política externa estadunidense, alegando a necessidade de estabilizar a Europa Ocidental, supostamente, ameaçada pelos soviéticos, foi criada, em 4 de abril de 1949, a Organização do Tratado do Atlântico Norte. A criação da aliança, que entrou em vigor em 24 de agosto do mesmo ano, após o depósito da ratificação de todos os países signatários, além das tensões europeias, relacionadas ao bloqueio de Berlim, também era uma resposta a aparente omissão estadunidense no processo de tomada de poder da China por comunistas, comandados por Mao Tsé-Tung^{XXII}.

Antes mesmo do termo da guerra, diversas líderes estadunidenses já haviam chegado à conclusão de que, diante da destruição da antiga ordem mundial, criava-se a oportunidade para o estabelecimento de um novo sistema assentado nos ideais estadunidenses. Nessa nova estrutura de poder a criação da ONU desempenhou um papel central, juntamente com a

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

assinatura do acordo de *Bretton Woods*, que posteriormente deu origem ao Banco Mundial e ao FMI^{XXIII}.

Havia por parte do Governo dos Estados Unidos uma expectativa que a estabilidade e a segurança internacional pudessem ser mantidas por meio da ONU, porém os frequentes usos do poder de veto no Conselho de Segurança por parte do Representante da URSS, bloqueando a utilização da força militar nessa organização, acabou frustrando essa ambição. A única alternativa viável para expansão num modelo estruturado nos interesses estadunidenses foi o seu comprometimento com as questões europeias, através de uma aliança política e militar permanente, e, embora seus documentos não fizessem qualquer menção em URSS, a organização catalisou o desejo de unir a Europa e os EUA no embate ao bloco comunista^{XXIV}.

Em 4 de abril de 1949 o pacto de defesa teve a adesão de Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Grã-Bretanha e EUA. Turquia e Grécia aderem ao tratado em 1952 e, em 09 de maio de 1955, após fortes questionamentos por parte da França, a república Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) passa a fazer parte da Aliança. Em 1982 A Espanha aderiu à organização, após o final da Ditadura Franquista^{XXV}.

O acordo estabelece um órgão para cooperação nas áreas de defesa e segurança, firmando compromisso de ajuda mútua em caso de ataques, contra qualquer um de seus membros, estabelecendo que uma agressão contra um integrante da aliança deverá ser repelida por todos os estados-membros, conforme se percebe pela leitura do artigo 5º de seu estatuto:

Artigo 5.º: As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, consequentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou colectiva, reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a acção que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte^{XXVI}.

A entrada da República Federal da Alemanha a aliança em 1955 resultou em uma forte reação da França, em função do histórico de animosidade entre os dois países e também pelo fato de a OTAN não ter sido criada somente para combater a expansão do comunismo, mas também para impedir nova militarização da Alemanha, como fica bem claro na curta declaração em quem Hastings Lionel Ismay, primeiro secretário-geral da OTAN, resumiu as pretensões da criação da aliança “Manter os americanos dentro, os russos fora e a Alemanha embaixo”^{XXVII}.

Pacto de Varsóvia

No fim da Segunda Guerra Mundial as tropas soviéticas haviam conquistado aos alemães uma grande quantidade de territórios, na Europa Central e do Leste, desenhando uma área de influência soviética que, em certo sentido, remetia ao velho Império Russo. Em resposta a incorporação, da agora remilitarizada, República Federal da Alemanha à OTAN foi criado, em 1955, o Pacto de Varsóvia, integrado por União Soviética, República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), Hungria, Polônia, Tchecoslováquia, Albânia, Romênia e Bulgária^{XXVIII}.

Durante muitos anos o Pacto de Varsóvia foi vista como uma mera reação defensiva a estruturação da OTAN, numa articulação de estratégias militares para atuação na Alemanha, o grande cenário Europeu da Guerra Fria^{XXIX}, porém, apesar dos protestos iniciais do Kremlin

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

em relação à OTAN, uma vez que rearmaria a Alemanha e viabilizaria a permanência estadunidense na região buscou-se um acordo sobre o tema:

Na ocasião, pouco após a criação da OTAN, o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Andrei Vichinski, encaminhou uma proposta à Grã-Bretanha, sugerindo a participação soviética na Aliança, mas não obteve nenhuma resposta. Entre 1952 e 1954, repetidamente, as lideranças soviéticas acenaram com a possibilidade da criação de um sistema de segurança europeu e do ingresso da URSS na OTAN. Adicionalmente, os soviéticos apresentaram várias propostas para a estabilização da situação alemã, incluindo-se a sua unificação, desde que garantida a neutralidade. A essas propostas também não houve receptividade.

A morte de Stálin, em março de 1953, não alterou de modo significativo esse quadro. Naquele contexto, as novas lideranças soviéticas empenharam-se na busca de uma negociação para a questão. Em fevereiro de 1954, Molotov sugeriu uma alternativa ao sistema de segurança coletiva europeu, planejado pelo Ocidente. A proposta foi rejeitada pelas lideranças ocidentais, pois consideraram que ela excluía os EUA, que, juntamente com a China, teriam apenas o status de observadores, e por calcularem que a proposição tinha por objetivo criar problemas para a consolidação da OTAN e para a criação do sistema de defesa europeu^{xxx}.

O Pacto foi firmado em 14 de maio de 1955, na capital polonesa de Varsóvia com o nome de Tratado de Amizade, Cooperação e Ajuda Mútua, composto por preâmbulo e 11 artigos, escrito em russo, polonês, tcheco e alemão. Apesar de a “Preocupação Alemã” estar presente na sua criação, o Pacto teve uma atuação interna tão ou mais importante que externa à medida que serviu para disciplinar os países satélites por parte do PCUS, reprimindo qualquer dissidência e criando um cordão sanitário em sua fronteira oeste, além, é claro, de afastar ameaças militares provenientes da Europa^{xxxi}.

Por esse motivo a Iugoslávia, apesar de compor o bloco comunista não compunha o Pacto. As forças locais iugoslavas moviam com autonomia em relação ao Kremlin, uma vez que derrotaram seus inimigos sem apoio do exército vermelho. Além do mais, o nacionalismo que movia Josip Broz Tito e seus seguidores o levou a conduzir uma política própria, contrariando as instruções de Stálin, levando inclusive a expulsão da Iugoslávia do Cominform em 1948, em represália a sua posição em relação à guerra civil na Grécia que contrariava os compromissos soviéticos^{xxxii}.

A Albânia possuía uma proximidade geográfica e ideológica com a Iugoslávia de Tito e, apesar de seu pequeno tamanho, teve um papel destacado no conflito sino soviético, contrariando a posição do Kremlin, levando Moscou a romper relações com Tirana em 1961, e, em 1968, em oposição a invasão da Tchecoslováquia, a Albânia retira-se do Pacto de Varsóvia^{xxxiii}.

A invasão da Tchecoslováquia, episódio conhecido como Operação Danúbio, foi uma ocupação militar de exércitos do Pacto de Varsóvia, ocorrida entre os dias 20 e 21 de agosto do ano de 1968, com o objetivo de deter a primavera de Praga, que era a liberalização política no país, fortalecendo o mandato do Partido Comunista da Tchecoslováquia. A operação foi parte de uma política da URSS naquela época, chamada de Doutrina Brejnev^{xxxiv}. As únicas nações que faziam parte do Pacto de Varsóvia e não tiveram participação no confronto foram Romênia e Albânia^{xxxv}.

Nicolae Ceausescu podia ter relações diplomáticas com Israel ou não participar na invasão da Checoslováquia, uma vez que estas divergências não colocaram em risco o sistema

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

político. Porém, tentativas de desvio ideológico mais sério, que pusessem em perigo a hegemonia do regime comunista soviético através da criação de oposição real, podiam terminar com a invasão militar do país dirigido pelo partido comunista^{XXXVI}.

Assim, em 1956, a Hungria iniciou-se em 23 de outubro uma revolução contra o governo comandado pelo Partido Comunista, liderado por Ernő Gerő. Em resposta as manifestações, os tanques do Exército Vermelho entraram em Budapeste, em 4 de Novembro, reprimindo a revolta, decretando o fim da Revolução Húngara^{XXXVII}.

Antes mesmo do fim da URSS iniciou-se um processo de distanciamento dos países integrantes do Pacto das instruções do PCUS, quando Gorbatchov acenou com a substituição da Doutrina Brejnev pela Doutrina Sinatra^{XXXVIII} em 1989, reconhecendo a autodeterminação dos povos do Leste Europeu^{XXXIX}.

Aproveitando o período de grandes mudanças políticas na URSS, que implicavam o afastamento da influência do controle de Moscou sobre o Leste Europeu, a Tchecoslováquia foi palco da Revolução de Veludo durante o ano de 1989. Esta manifestação buscava a restauração dos princípios democráticos e reivindicava a queda do regime comunista, vinculado ao Kremlin. O governo de Gustáv Husák não teve apoio de forças do Pacto de Varsóvia, inviabilizando a repressão aos manifestantes. Em função dos protestos realizou-se a transição para Václav Havel, no primeiro governo não comunista desde o final da Segunda Guerra Mundial^{XL}.

Com o final da URSS igualmente perdeu-se o sentido da manutenção do acordo de proteção militar, então, em 25 de fevereiro de 1991 os estados-membros do Pacto aboliram suas estruturas militares e, em 1º de julho de 1991, assinaram em Praga protocolo sobre o término do Tratado^{XLI}.

Expansão da OTAN

A queda dos regimes associados ao regime soviético em 1989 e a desintegração da URSS, em 1991, porém, ao contrário do que os russos esperavam, não levou a extinção da OTAN, mas inaugurou uma nova expansão da organização incorporando países que estavam sobre a esfera de influência soviética. A OTAN e a União Europeia operaram com uma espécie de cordão sanitário visando isolar a Rússia^{XLII}.

Esta expansão se ampara na hipótese de que a segurança do continente Europeu depende da implementação de regimes democráticos e adeptos da economia de mercado na região, defendendo a máxima de que “democracias não lutam contra democracias”^{XLIII}.

O final da Guerra Fria, com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, determinou a necessidade de uma reorientação estratégica da agenda de segurança e defesa dos Estados Unidos e de seus aliados, uma vez que a ordem global bipolar, dividida entre as esferas de influência das superpotências capitalista e comunista, ruiu junto com a Cortina de Ferro. Assim, a principal ameaça para os Estados do bloco Ocidental deixava de ser o inimigo estatal e subversivo representado pela superpotência soviética^{XLIV}.

Nessa nova ordem mundial foi assinado em 1997 o chamado "Ato Fundador OTAN-Rússia", um acordo para construir um relacionamento de colaboração em segurança entre o país e o bloco militar, formando-se e cinco anos mais tarde, formou-se o Conselho OTAN-Rússia, garantindo inclusive um assento “permanente” ao Kremlin na sede do bloco^{XLV}.

Ainda antes da desintegração da URSS, no período após a queda do muro de Berlim em 1989, inicia-se um processo de negociação entre o então Secretário-Geral soviético Mikhail Gorbachev com o presidente norte-americano George Bush, baseado em duas premissas: a reunificação pacífica da Alemanha e a dissolução do Pacto de Varsóvia, com duas condições

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

do campo soviético: 1. A Alemanha Oriental não seria militarizada; e 2. A OTAN não incorporaria os antigos países do Pacto de Varsóvia^{XLVI}.

Apesar das recentes negativas do ocidente quanto a sua existência, documentos da Chancelaria britânica recentemente reclassificados e disponíveis para acesso dos pesquisadores demonstram que, em reunião dos Diretores Políticos do Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, dos EUA, da Alemanha e da França, em 6 de março de 1991, foi registrado que a OTAN se comprometia a não cruzar o Rio Elba. O representante estadunidense Raymond Seitz foi ainda mais claro: “Deixamos claro para União Soviética que não temos nenhum interesse em aproveitar-se da retirada de tropas soviéticas na Europa Oriental”^{XLVII}, opinião revista formalmente pelos americanos dois anos após aproveitando-se momento de fraqueza da Rússia para extrapolar seus limites geopolíticos^{XLVIII}.

Nenhum dos compromissos assumidos foram respeitados, e a Alemanha Oriental foi militarizada, quase de imediato após a sua reunificação, já o processo da expansão da OTAN, absorvendo repúblicas que se encontravam sob influência soviética, iniciou-se durante o governo Clinton, com a adesão da República Tcheca, Hungria e Polônia à Aliança em 1999, Bulgária, Romênia, Eslováquia e três antigas repúblicas da URSS, Estônia, Letônia e Lituânia, ingressaram em 2004, durante o governo de George W. Bush, a Albânia e a Croácia em 2009, durante governo Obama, e, por fim, Montenegro e Macedônia do Norte^{XLIX}, durante o mandato do Republicano de Donald Trump^L.

Em seu célebre discurso de Munique, Putin colocou-se contra esta expansão da Aliança em direção as fronteiras russas, cobrando o cumprimento das garantias apresentadas a Rússia ao final da Guerra Fria:

Parece-me óbvio que a expansão da OTAN não tem nenhuma relação com a modernização da Aliança ou assegurar a segurança na Europa. Ao contrário, representa uma provocação séria que reduz o nível de confiança mútua. E temos o direito de perguntar: contra quem esta expansão é pretendida? E o que aconteceu com as garantias que nossos parceiros ocidentais fizeram depois da dissolução do Pacto de Varsóvia?

Onde estão estas declarações hoje? Ninguém sequer os relembra. Mas me permitirei lembrar esta audiência o que foi dito. Eu gostaria de citar o discurso do Sr. Woerner, Secretário-Geral da OTAN, em Bruxelas em 17 de maio de 1990. Ele disse naquela ocasião que: “o fato de estarmos dispostos a não colocar um exército da OTAN fora do território alemão dá à União Soviética uma garantia firme de segurança”. Onde estão estas garantias?^{LI}

Neste novo cenário a OTAN desempenha o papel de mecanismo militar a serviço da manutenção da hegemonia global dos EUA, participando de operações na Guerra do Golfo, na ex-Iugoslávia, e na África, além de participação nas invasões do Afeganistão^{LII} e Iraque, assim o fim da guerra fria não foi, ao menos para OTAN, o “fim da História”^{LIII}, demonstrado uma grande capacidade instrumental de adaptação, desempenhando duas novas funções: “conter e controlar conflitos militares na Europa Central e do Leste e prevenir conflitos, proporcionando estabilidade, em repúblicas que pertenciam ao bloco de Leste”^{LIV}.

A OTAN considerou, ainda em 2008, admitir Geórgia e Ucrânia à Organização em uma declaração percebida como uma ameaça direta aos interesses do Kremlin, isso em meio a realização de exercícios militares conjuntos com a Polônia, Estados Bálticos, Romênia e Bulgária^{LV}. O movimento de inclusão da Geórgia e da Ucrânia foi abortado devido a contrariedade demonstrada pela então Chanceler Alemã Angela Merkel e pelo então Primeiro-Ministro Francês Nicolas Sarkozy, ambos reforçando a posição de veto apresentado pelo

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

governo turco sob argumento que nenhum dos dois pretendentes ao ingresso eram democracias estáveis^{LVI}.

Ingresso da Finlândia

Em função da invasão russa da Ucrânia, os governos de Finlândia e Suécia iniciaram as tratativas para ingresso na aliança, e, durante esse período de aceitação, pretendem estabelecer medidas de segurança para evitar eventual retaliação por parte do Kremlin.

Apesar deste movimento levar a OTAN até a fronteira russa, a reação russa diferiu da ocorrida com o processo de ingresso da Ucrânia, embora demonstrando insatisfação e ameaçando direcionar parte de seu arsenal nuclear para o Báltico, em especial no exclave russo de Kaliningrado, onde já se encontra abrigada a Frota Naval Russa no Mar Báltico^{LVII}.

Uma invasão militar foi descartada uma vez que, nas palavras de Putin o ingresso da Finlândia “não representa uma ameaça direta para a Rússia”, indicando que o Kremlin poderia viver com a adesão finlandesa e sueca à OTAN, desde que a aliança militar não enviasse armas ou tropas para os dois países. Essa Manifestação demonstra que Putin vê OTAN como uma ameaça ao domínio tradicional da Rússia sobre sua antiga zona de influência, em vez de somente um problema militar estratégico^{LVIII}.

Entretanto, o ingresso dos países bálticos pode ampliar as capacidades terrestres, marítimas e aéreas da Aliança. A Suécia possui uma marinha forte, capaz de ampliar as defesas da OTAN no Mar Báltico, constrói seus próprios caças, que exporta para países ao redor do mundo, inclusive o Brasil. Já a adesão da Finlândia aproximaria a aliança da península russa de Kola, uma massa de terra estratégica a cerca de 110 milhas a leste da fronteira onde a Rússia mantém submarinos de mísseis balísticos e armazena ogivas nucleares. Além do mais, o ingresso da Suécia e da Finlândia à OTAN forneceria à Aliança outra rota de reforço através do Mar Báltico^{LIX}.

A declaração do secretário-geral da OTAN, Josef Stoltenberg, garantindo uma “adesão rápida e suave” de Finlândia^{LX} e Suécia a aliança^{LXI}, foi imediatamente rebatida pelo Ministério de Relações Exteriores Russo:

Consideramos as declarações do Secretário-Geral da OTAN sobre a prontidão para admitir esses países na aliança como uma tentativa sem cerimônia de exercer pressão externa sobre as políticas da Rússia, construída em torno de três elementos-chave: a rejeição da expansão da OTAN, a implantação de sistemas de armas de ataque na Finlândia e da Suécia, com quem mantemos relações amistosas de longa data e cuja contribuição efetiva, como estados não alinhados, para a formação da segurança europeia [...] ^{LXII}.

Porém, a promessa de veto do presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, a adesão dos países escandinavos poderia obstaculizar o ingresso na OTAN, uma vez que a entrada deve ocorrer por unanimidade. Na opinião turca Finlândia e Suécia são um refúgio de organizações terroristas, referindo-se ao abrigo dado para integrantes do PKK e Hizmet, considerados como grupos terroristas pelo governo turco, e ainda o mandatário turco vê nessa negativa uma oportunidade de negociar uma redução da pressão diplomática, em especial norte-americana, sobre sua política de agressão aos direitos humanos, além de uma “vingança” a um processo de turco de ingresso na UE que se arrasta a anos sem perspectiva de sucesso^{LXIII}.

A postura turca na 35ª Cúpula da OTAN, realizada na cidade de Madrid entre os dias 28 e 30 de junho de 2022, demonstrou que Recep Tayyip Erdogan estava somente “criando

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

dificuldades para vender facilidades”, buscando principalmente a possibilidade de novamente integrar os programas de armamentos norte-americanos^{LXIV}.

A negativa turca prosperou somente em relação ao ingresso da Suécia, e, após homologação do Parlamento Turco, a Finlândia tornou-se o 31º Estado Membro da OTAN ao ratificar seu pedido de ingresso na Organização e 04 de abril de 2023^{LX}.

Este ingresso foi um forte golpe na estratégia russa de manter as forças da Aliança distantes de sua fronteira. Até o ingresso finlandês, a Rússia tinha 1.215 km de fronteiras com países-membros da OTAN, em sua grande maioria compartilhadas com o exclave de Kaliningrado, e o ingresso da Finlândia dobrou esse valor, aumentando em cerca de 1.300 km de fronteira compartilhada e colocando as tropas da Aliança a menos de 200 km de São Petersburgo, cidade natal de Putin^{LXI}.

Rus de Kiev

Historicamente, a Ucrânia, assim como a Belarus, compunha com a Rússia o denominado Rus de Kiev, configurando-se o primeiro estado eslavo, sendo hoje o Leste Europeu^{LXII}.

Não por acaso Putin^{LXIII} declarou: “a Ucrânia não é apenas um país vizinho para nós, mas sim uma parte inalienável de nossa própria história, cultura e espaço espiritual”, tornando-se um território indispensável para Rússia consolidar sua hegemonia sobre um exterior próximo formado pelo Cazaquistão (sua porção norte é fortemente eslava), pelas repúblicas do Cáucaso (Geórgia, Armênia e Azerbaijão) e, sobretudo, pelas “Rússias da Europa” (Ucrânia, Belarus e Moldávia), posição essa que havia sido externada por Putin no Discurso de Munique em 10 de fevereiro de 2007^{LXIV}, ocasião em que tratou ainda da necessidade de retirada das armas nucleares estadunidenses em solo europeu^{LXV}.

Kiev, a atual capital da Ucrânia, e os arredores do rio Dnieper foram ocupados, na origem da história Russa, pela etnia Kievan Rus, configurando-se como o primeiro estado eslavo no que é hoje o Leste Europeu e deu origem a três países que existem hoje em dia: Rússia, cujo nome tem origem no Rus de Kiev, a Ucrânia, cuja capital é Kiev, e deu ainda origem à Bielorrússia. Oleg, o Profeta, profetizou sobre Kiev: “que seja a mãe de todas as cidades russas”^{LXVI}. Portanto, considerando o aspecto histórico, tanto a Rússia quanto a Ucrânia e ainda a Bielorrússia possuem uma origem étnica em comum^{LXVII}.

Em contrapartida, devido aos sucessivos ataques mongóis, os Kievan Rus foram obrigados a emigrar para outra região que lhes protegesse, cujo destino foi Moscou, onde se fundou o Grande Principado de Moscou. Em vista da ausência de defesas naturais em seu entorno, essa população estava em frequente perigo mediante as novas invasões.

Apenas no século XVI com Ivan, o Terrível, ocorre a expansão para os montes Urais, ao leste; para o mar Cáspio, ao sul; e para o círculo ártico, ao norte, mantida sua fragilidade em seu flanco ocidental, onde tinha fronteira com o grande reinado da Polônia-Lituânia. Ao longo dos séculos, o território, conhecido, atualmente, como Ucrânia, foi controlado por diversas forças estrangeiras, como poloneses, lituanos, mongóis e, por fim, russos, que ampliaram suas fronteiras^{LXVIII}.

No século XVIII, no reinado de Catarina, a Grande, a Rússia junto do Reino da Prússia (embrião do atual estado da Alemanha) invadiu a Polônia, dividindo seu território. A partir desse momento, a Rússia passou a dominar também o que se compreende como Bielorrússia, Moldávia, Ucrânia e os estados Bálticos, Lituânia, Estônia e Lituânia^{LXIX}.

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

O território da Ucrânia foi disputado durante séculos por cossacos, poloneses, mongóis e turcos, até a incorporação por Catarina, a Grande, permanecendo, assim, até 1991. De tal modo que dois levantes frustrados de movimentos nacionalistas durante o período de guerra civil, que seguiu à Revolução Russa de 1917, primeiro apoiada pela Alemanha e depois com o apoio da Polônia, formaram duas repúblicas ucranianas independentes^{LXX}.

Porém, ainda restavam, sob o domínio polonês ou austríacos, territórios que compõem o extremo ocidental do atual traçado da Ucrânia, os quais, apenas em 1945, como parte da URSS, foram, definitivamente, incorporados à atual Ucrânia por decisão de Nikita Krushev^{LXXI}.

A península da Crimeia também foi uma região que sofreu com invasões e anexações de diversos impérios. Sua história igualmente começa no Rus de Kiev. Após ser conquistada pelos mongóis, essa confederação eslava, que existiu até o início do século XIII, desmembrou-se e, no século XV, foi estabelecida como o Canato da Crimeia, que, em 1475, tornou-se um protetorado do Império Otomano.

De maneira que apenas em 1783 o Canato da Crimeia foi anexado ao imenso Império Russo, mesmo ano em que a Frota do Mar Negro foi criada pela imperatriz Catarina, a Grande, que estabeleceu a base da frota na cidade de Sevastopol^{LXXII}.

A Ucrânia foi uma das quatro repúblicas fundadoras da URSS, juntamente com Rússia, Belarus e República Soviética da Transcaucásia, em dezembro de 1922, em uma união cimentada por dois pilares: igualdade e independência. Assim sendo, nenhuma República, inclusive, a Rússia, possui qualquer relação de superioridade sobre as demais e garantia o direito de secessão da União sempre que assim desejasse^{LXXIII}.

Embargos Econômicos e Aliança Sino-Russa

A Rússia é um dos maiores *players* no mercado mundial de energia, fornecendo 40% do gás consumido na União Europeia e o segundo maior exportador de petróleo, atrás apenas da Arábia Saudita, com uma média de cerca de cinco milhões de barris por dia. A maioria das sanções sobre a economia russa, principalmente em função da dependência europeia do gás russo, incide sobre suas exportações de petróleo e carvão^{LXXIV}.

Martin Wolf, editor do jornal *Financial Times*, um dos arautos da liberdade dos mercados, é claro em demonstrar que o ocidente não pretende embargar o Kremlin, mas sim aplicar uma guerra econômica:

O desafio é defender a civilização liberal da Europa. A oportunidade é de uma redenção histórica. A Rússia não pode prevalecer. Isso é o que mais importa. De fato, haverá sofrimento, mas ele deve ser suportado em nome de uma causa muito maior^{LXXV}.

O Kremlin acredita que será mais fácil para a Rússia mudar suas entregas de petróleo da Europa para os mercados asiáticos do que mudar o destino do gás, cujo transporte depende de infraestrutura inflexível, porém, conforme percebeu-se com as sanções ao petróleo do Irã, sanções de EUA, UE, Reino Unido e Noruega podem privar os negociantes russos do mercado de seguro marítimo para navios-tanque, afastando as frotas de navios-tanque do mundo do mercado russo^{LXXVI}.

Da mesma forma a exclusão russa ao sistema SWIFT igualmente terá grande impacto sobre os interesses comerciais europeus, que impossibilitados de realizar o pagamento pelo gás importado, poderão ter seu fornecimento prejudicado^{LXXVII}. Estas sanções evidenciaram a

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

realidade de que um país pode sofrer bloqueio de reservas e severas restrições monetárias por decisão unilateral dos EUA e de seus parceiros, com extensão e duração indefinidas, reforçando o desenvolvimento de serviços de compensação e liquidação paralelo ao SWIFT^{LXXVIII}.

O modelo alternativo mais avançado é o chinês CIPS, sistema ainda restrito e de uso intenso entre a China e a Índia, mas já é utilizado por bancos e organizações de mais de cem países e deve agora absorver as operações externas russas, podendo inclusive servir como oportunidade de incentivo para transações comerciais em Renminbi, em processo de criar uma ordem monetária alternativa em futuro previsível^{LXXIX}.

Além disso, a China, na condição de maior importador de *commodities*, poderá obter êxito na missão de precificar suas compras em sua própria moeda, eliminando assim a necessidade de manter *superávits* em sua balança comercial. Em contrapartida, a posição russa de exportadora de cereais, principalmente para nações em desenvolvimento, poderia reforçar a estratégia de enfraquecimento do dólar como moeda global^{LXXX}.

Essa aproximação chinesa ocorre menos por proximidade ideológica, mas motivada pelo receio que, após a adesão da Ucrânia, as atenções da Aliança direcionem-se a situação de Taiwan, sendo a China alvo de novas sanções financeiras. Outrossim, China e Rússia condenam as ingerências político-militares norte-americanas sobre países soberanos^{LXXXI}.

China e Rússia compartilham um sentimento de oposição a política externa dos EUA, principalmente, em relação as ingerências militares sobre países soberanos, para a Rússia e China, trata-se de algo condenável. É possível que, em virtude das dificuldades impostas a Rússia por força do bloqueio ocidental, notadamente, no que diz respeito a substituição de importações industriais e tecnológicas, que as relações comerciais entre Rússia e China evoluam de modo assimétrico^{LXXXII}. Esse crescimento da relevância econômica chinesa vem causando preocupações públicas da cúpula da Aliança^{LXXXIII}:

Conforme observado pelo secretário-geral da OTAN Jens Stoltenberg, “A ascensão da China está mudando fundamentalmente o equilíbrio global de poder e aquecendo a corrida pela supremacia econômica e tecnológica”. Até agora, a ascensão da China foi entregue por meio de sua modernização militar e poder de fabricação. Mas a fonte de poder mais crítica da China no futuro será a internacionalização de sua moeda, o renminbi^{LXXIX}.

Apesar da reclamação sobre a dominação exercida pelos EUA existir desde a Conferência de Bandung de Nações Alinhadas em 1955^{LXXX}, foi a busca estadunidense por uma dominação unipolar do mundo que tem empurrado a Eurásia e o Sul Global para aquilo que Josep Borrell, chefe da política externa e segurança da União Europeia, designou como uma “selva”. A julgar pela negativa do “resto do mundo” em aderir a guerra por procuração travada pela OTAN, na Ucrânia, contra a Rússia. Parece que “o resto do mundo” não está convencido acerca da “excepcionalidade norte-americana”, de uma pretensa liderança moral do Ocidente e, tampouco, disposto a continuar se deixar operando por “jardineiros” como Ronald Reagan, Margaret Thatcher, George W. Bush, Hillary Clinton e os neocons ligados ao Departamento de Estado.^{LXXXI}

China e Rússia ocupam, com o restante do continente europeu, uma região denominada Eurásia, de extrema importância para o equilíbrio global, concentrando metade da população mundial e 60% do PIB global. Com base nas projeções de crescimentos econômico e populacional, conclui-se que os EUA não serão mais, já na próxima década, o poder hegemônico no mundo. A guerra contra a Rússia é parte de um esforço empreendido pelos norte-americanos no sentido de evitar a deteriorização de seu poder mundial, o conflito, além

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

de inviabilizar uma aproximação da Rússia com a Europa, promove um maior “alinhamento” dos países europeus em relação aos EUA, preparando terreno para um possível ataque a China.^{LXXXII}.

Considerações Finais

Esse trabalho buscou entender os precedentes históricos que levam a oposição por parte do Governo russo a expansão da OTAN rumo aos países que compunham a antiga União das Repúblicas Socialistas, e, em especial, a Ucrânia, realizando para tanto uma análise da gênese da Guerra Fria - que opôs os blocos capitalistas e socialistas e que serviu de fundamento para o surgimento da OTAN e do Pacto de Varsóvia - tomado como gênese da dinâmica de expansão da Aliança em direção a fronteira russa.

Percebe-se que este movimento de ampliação da Aliança desequilibra a relação de áreas de influência no cenário europeu, colocando forças da OTAN nas bordas da fronteira russa, retornando uma tensão geopolítica e militar semelhante a existente durante a guerra fria. Por outro lado, uma polarização dos EUA com uma coalização sino-russa inaugura uma nova ordem mundial que poderá vir a favorecer os países do chamado sul global.

O impacto desse novo tabuleiro geopolítico, com uma ampliação da militarização na Eurásia, em especial no entorno do mar báltico, apresenta-se como campo para estudos posteriores.

Notas

^I Doutorando em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduando em História pela Universidade Federal de Pelotas.

^{II} Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Curso de Graduação em História (EAD) da Universidade Federal de Pelotas.

^{III} AMAL, Victor Wolfgang Kegel. A intervenção russa na guerra da Ucrânia (2014): raízes históricas do novo dilema geopolítico europeu. **XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasília: UNB, pp. 1-15, 2017.

^{IV} LIPPMANN, Walter. **The Cold War**. Foreign Affairs, v. 65, n.4, 1987, pp. 869-884.

^V LUNDSTAD, Geir. “Empire by invitation? **The United States and Western Europe 1945-1952**, **Jornal of Peace Research**, 1986. p. 263-277.

^{VI} MUNHOZ, Sidnei José. A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.

^{VII} BLUTH, Cristoph. Three theses on the Cold War. **Global Dialogue**, v. 3, n. 4, p 101-101, out. 2001. MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

^{VIII} MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

^{IX} COMBAT, Flávio. **A historiografia sobre a Guerra Fria e os Limites do Pós-Revisionismo**. 2012. 461 f. Tese [Doutorado em História Comparada]. Instituto de História, Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

^X MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

^{XI} ib., *ibid.*

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

- ^{xii} *ib.* A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.
- ^{xiii} HOBBSAWM, Eric John. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995, 1087 p.
- ^{xiv} ALPEROVITZ, Gar. **The decision to use the atomic bomb and the architecture of na American myth**. New York: Knopf, 1995. MUNHOZ, Sidnei José. A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.
- ^{xv} HASTINGS, Max. **Winston's War: Churchill 1940-1945**. Vintage, 2011, 555 p. MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- ^{xvi} MUNHOZ, Sidnei José. A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.
- ^{xvii} *ib.* **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- ^{xviii} Essa sentença já tinha sido usada por Goebbels em referência a chegada do Exército Vermelho em Viena, em 25 de fevereiro de 1945, quando o chefe nazista buscava mobilizar os alemães diante da ameaça que uma Cortina de Ferro cairia sobre este enorme território, caso ele fosse controlado pela União Soviética. FENBY, Jonathan. **Aliança: A Verdadeira História de como Roosevelt, Stálin e Churchill Venceram Uma Guerra e Iniciaram**. Outra Lisboa, Quidnovi, 544 p, 2008.
- ^{xix} MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- ^{xx} *ib.*, *ibid.*
- ^{xxi} *ib.* A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.
- ^{xxii} BARROSO, Juliana Lyra Viggiano. Segurança e uso da força no contexto da OTAN. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 27, pp. 43-63, nov. 2006.
- ^{xxiii} STEIL, Benn. **A Batalha de Bretton Woods**. Barcelona: Centro Libros PAPF, 2016. Kindle edition. MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- ^{xiv} ARMS, Thomas. "NATO", in **Encyclopedia of the Cold War**, 1994, pp. 434-436. BARROSO, Juliana Lyra Viggiano. Segurança e uso da força no contexto da OTAN. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 27, pp. 43-63, nov. 2006.
- ^{xv} MUNHOZ, Sidnei José. A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.
- ^{xvi} ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE – OTAN. **The North Atlantic Treaty**. Washington, 04 abr. 1949, última atualização em 19 jun. 2017. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm. Acesso em: 26 fev. 2022.
- ^{xvii} CRUZ, Marco Antônio Ferreira da. "NATO 2030": A sobrevivência numa nova era. **Janus Anuário**, vol. 12, n. 1, mai-out, 2021, p. 16.
- ^{xviii} MÜLLER, Wolfgang. Der Warschauer Pakt und Österreich 1955-1991. In RAUCHENSTEIGER, Manfred (Org. **Zwischen Den Blocken: Nato, Warschauer Pakt Und Osterreich**, Bohlau Verlag, 2010, pp. 135-192.
- ^{xix} CALZADA, Oscar Alvarez. El flanco Sur del Pacto de Varsovia: Relevancia Estrategica y sus Consecuencias. **Papeles del Este**, n, 9, pp. 01-35, 2004.
- ^{xxx} MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, p. 199-200.
- ^{xxxi} CALZADA, Oscar Alvarez. El flanco Sur del Pacto de Varsovia: Relevancia Estrategica y sus Consecuencias. **Papeles del Este**, n, 9, pp. 01-35, 2004.

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

- xxxii BARCELLOS, Wanner de Oliveira. A defesa total Iugoslava como estratégia de dissuasão. **A Defesa Nacional**, n. 738, 1988, pp. 60-66. MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- xxxiii CALZADA, Oscar Alvarez. El flanco Sur del Pacto de Varsovia: Relevancia Estrategica y sus Consecuencias. **Papeles del Este**, n. 9, pp. 01-35, 2004. JONES, Claire. The impact of throwing Russia out of SWIFT. **Financial Times**, 25 fev. 2022.
- xxxiv Doutrina em que era redefinido o conceito de soberania nacional, subordinando-o ao interesse da Comunidade dos Estados Socialistas, sendo também conhecida como Doutrina da Soberania Limitada. FERNANDES, Marisa. A reunificação política da Alemanha (1989/1990): no contexto das relações entre as grandes potências. **Lusíada: Política Internacional e Segurança**, n. 10, pp. 83-123, 2014.
- xxxv FERNANDÉZ, Teófilo Ruiz, La Primavera de Praga. **Tiempos de historia**, Ano IV, n. 45, pp. 38-51, ago. 1978.
- xxxvi MILHAZES, José. **Cunhal, Brejnev e o 25 de abril: porque é que a União Soviética não quis a revolução socialista em Portugal**. Dom Quixote, 2013. Kindle edition.
- xxxvii CONCEIÇÃO, Marcus Vinicius. A Revolução Húngara de 1956: Uma desmistificação do processo de desestalinização da União Soviética. **Movimentos Sociais**, Goiânia, v. 6, n. 09, 2021.
- xxxviii Nome dado em função da música *My Way* do cantor Norte-Americano Frank Sinatra que cantava “eu faço isso ao meu modo e sigo minha própria vida”. CASTRO, Therezinha. Tchecoslováquia: expedientes da história. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 30, p. 118, 1995.
- xxxix LÓPES, Bernardino Buceta. Situación em los países del Pacto de Varsovia. **Cuardenos de estratégia**, n. 36, pp. 59-74, 1991.
- xl PIAMOLINI, Alexandre. A Revolução de Veludo e a transição política e econômica na Tchecoslováquia. **Revista das Relações Exteriores**, 17 nov. 2021.
- xli FERNANDES, Marisa. A reunificação política da Alemanha (1989/1990): no contexto das relações entre as grandes potências. **Lusíada: Política Internacional e Segurança**, n. 10, pp. 83-123, 2014.
- xlii MUNHOZ, Sidnei José. A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461. SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo**. Curitiba: Editora Prismas, 2015, 253 p.
- xliii MIELNICZUK, Fabiano. A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais. **Conjuntura Austral**, v. 5, n. 23, pp. 4-20, mai. 2014.
- xliv PHYTHIAN, Mark. Intelligence theory and theories of international relations: Shared world or separate worlds? In: GILL, Peter; MARRIN, Stephen; PHYTHIAN, Mark. **Intelligence Theory: Key questions and debate**. Abingdon: Routledge, pp. 54-72, 2009.
- xlv Porém, os conflitos na Chechênia convenceram os estados-membros de que a Rússia não poderia se encaixar confortavelmente no bloco. SAYLE, Timothy Andrews. **Enduring Alliance: A History of NATO and the Postwar Global Order**. Cornell University Press: Illustrated edição, 2019, 360 p. Kindle edition.
- xlvi BRAGA, Carlos Primo. **Valor Econômico**, 02 mar. 2023, p. A15. MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin. **Foreign Affairs**, out. 2014.
- xlvii HENDRICH, Cornelia Karin. Archivfund bestätigt Sicht der Russen bei Nato-Osterweiterung. **Welt**, 18 fev. 2022.
- xlvi ALENCASTRO, Mathias. Crise na Ucrânia expõe contradições em visões sobre o imperialismo. **Folha de São Paulo**, 20 fev. 2022.
- xlx Ingresso obstaculizado pelo veto grego à adesão, somente retirado após a alteração do nome do país de República Iugoslava da Macedônia para República da Macedônia do Norte. SANTOS, Bruna Maria dos; et al. Inserção da OTAN: Negociação entre a Grécia e a Macedônia entre 1990 e 2019. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 19, n. 38, pp 328-347, 2020.

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

- ^L MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Zahar, 1, ed., 2018, 258 p. [livro eletrônico].
- ^{LI} PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy**. Moscow: President of Russia Official Web Portal, 2007. Disponível em <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>. Acesso em 04 mar. 2023.
- ^{LII} Esta intervenção em especial desagradou diretamente o Kremlin, em função dos interesses estratégicos russos no Afeganistão. VILLELA, Stephanie Casanova. Considerações das Relações Diplomáticas OTAN-Rússia. João Pessoa: **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 10, n. 19, pp. 114-129, 2023.
- ^{LIII} FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rocco, 2015, 488 p. MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria**: história e historiografia. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.
- ^{LIV} SANTO, Gabriel Augusto do Espírito. O Novo Conceito Estratégico da OTAN e os Interesses de Portugal. **Revista Militar**, n. 2505, out, 2010.
- ^{LV} TROIANOVSKI, Anton. Putin and West Spar Over NATO's Military Ties to Ukraine. **New York Times**, 01 dez. 2021.
- ^{LVI} SANTIESTEBAN, Orisel Sierra. La política interna y exterior de Alemania con Angela Merkel. **Política Internacional**, n. 26, pp. 63-80, 2007.
- ^{LVII} FIGUEIREDO, Filipe. Com a guerra, Rússia conseguiu justamente a expansão da OTAN. **Gazeta do Povo**, 06 mai. 2022.
- ^{LVIII} SEEDON, Max. MILNE, Richard. Putin signals acceptance of Finland and Sweden joining Nato. **Financial Times**, 16 mai. 2022.
- ^{LIX} Atualmente, o acesso OTAN depende do *Suwalki Gap*, um estreito corredor que separa o exclave Russo de Kaliningrado e a Bielorrússia, que a Rússia poderia tentar fechar em caso de eclosão de um conflito. MELLEEN, Ruby; MORIARTY, Dulan. Four maps explain how Sweden and Finland could alter NATO's security. **The Washington Post**, 19 mai. 2022.
- ^{LX} O governo da Finlândia anunciou oficialmente em 12 de maio de 2022 sua intenção de ingressar na Aliança. O pedido foi analisado pelo Parlamento local, porém, após a opinião pública demonstrar amplo apoio a favor da participação da OTAN. GIELOW, Igor. Finlândia pede para entrar na OTAN, e Rússia ameaça com retaliação. **Folha de São Paulo**, 12 mai. 2022.
- ^{LXI} ib., ibid.
- ^{LXII} GLOBAL SECURITY. **Black Sea Fleet**. 2016. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- ^{LXIII} PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Vladimir Putin's Televised Address on Ukraine**. 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-02-24/full-transcript-vladimir-putin-s-televised-address-to-russia-on-ukraine-feb-24>. Acesso em: 02 mar. 2022.
- ^{LXIV} FERREIRA, José Medeiros. Um discurso histórico? **Diário de Notícias**, 20 fev. 2007. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/2007/um-discurso-historico-653094.html>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- ^{LXV} CHADE, Jamil. Rússia exige que armas nucleares dos EUA na Europa sejam retiradas. **UOL Notícias**, 1 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/03/01/russia-exige-que-armas-nucleares-dos-eua-na-europa-sejam-retiradas.htm>. Acesso em: 2 maio 2022. HILL, Fiona; STENT, Angela. The World Putin Wants: How Distortions About the Past Feed Delusions About the Future. **Foreign Affairs**, set. 2022. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/russian-federation/world-putin-wants-fiona-hill-angela-stent>. Acesso em: 2 set. 2022.
- ^{LXVI} PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **On the histórica Unity of Russian and Ukrainians**. Kremlin, 21 jul. 2021. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- ^{LXVII} GLOBAL SECURITY. **Black Sea Fleet**. 2016. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

LXVIII *ib.*, *ibid.*

LXIX KALB, Marvin. **Putin, Ukraine and New Cold War**. Washington: Brookings, 2015.

LXXX DARCH, Colin. **The Makhnovshchina, 1917-1921**: ideology, nationalism and peasant insurgency in early twentieth century Ukraine. 1994. 562 p. Tese [Doctor of Philosophy] Department of Social and Economic Studies, University of Bradford, Richmond, 1994. Disponível em: https://archive.org/details/Makhnovshchina_CMDarch. Acesso em: 17 abr. 2022. LOUREIRO, Felipe. Reflexões sobre a longa história de construção nacional Russa e Ucraniana: do Principado de Kiev ao governo de Volodymyr Zelensky. In: **Linha vermelha**: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. p. 47-68.

LXXI GELIS FILHO, Antônio. Ataque da Rússia à Ucrânia busca estabelecer nova ordem mundial. **Folha de São Paulo**, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/ataque-da-russia-a-ucrania-busca-estabelecer-nova-ordem-mundial.shtml>. Acesso em: 30 fev. 2022.

LXXII GLOBAL SECURITY. **Black Sea Fleet**. 2016. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LXIII LOUREIRO, Felipe. Reflexões sobre a longa história de construção nacional Russa e Ucraniana: do Principado de Kiev ao governo de Volodymyr Zelensky. In: **Linha vermelha**: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. p. 47-68.

LXIV FEDERAÇÃO RUSSA. Ministério das Relações Exteriores. **The Foreign Ministry's answers to the media questions submitted for the news conference on Russia's foreign policy performance in 2021**. Disponível em: https://www.mid.ru/ru/foreign_policy/news/1795407/?lang=en. Acesso em: 27 mar. 2023.

LXV O documento final da reunião da União Europeia de 23 e 24 de junho de 2022 dedica um tópico inteiro de suas conclusões a demonstrar que a aceitação turca no bloco ainda é um objetivo distante: "O Conselho Europeu espera que a Turquia respeite plenamente o direito internacional, desanuvie as tensões no interesse da estabilidade regional do Mediterrâneo Oriental e promova relações de boa vizinhança de forma sustentável. UNIÃO EUROPEIA. Conselho Europeu. **Conclusões Reunião do Conselho Europeu (23 e 24 de junho de 2022)**. Bruxelas, 24 JUN. 2022. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/media/57465/2022-06-2324-euco-conclusions-pt.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

LXVI FIGUEIREDO, Filipe. A maior revisão da OTAN em 30 anos. **Gazeta do Povo**, 28 jun. 2022.

LXVII *ib.* Cálculos eleitorais dificultam novos parlamentos de países da OTAN. **Gazeta do Povo**, 04 abr. 2023.

LXVIII SACCOMANDI, Humberto. Ampliação da OTAN expõe erro estratégico de Putin. **Valor Econômico**, 13 mai. 2022, p. A15.

LXIX JOHNSON, Simon. USTENKO, Oleg. O fim da Rússia como potência energética. **Valor Econômico**, 05 abr. 2022, p. A15.

LXX WOLF, Martin. É hora de reduzir a compra de gás russo. **Valor Econômico**, 06 abr. 2022, p. A13.

LXXI JOHNSON, Simon. USTENKO, Oleg. O fim da Rússia como potência energética. **Valor Econômico**, 05 abr. 2022, p. A15.

LXXII ALENCASTRO, Mathias *et al.* É Mais Complicado do que Isso, Demétrio. **Folha de São Paulo**, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaao/2022/08/e-mais-complicado-do-que-isso-demetrio.shtml>. Acesso em: 14 ago. 2022.

LXXIII O novo Conceito Estratégico da OTAN, apresentado ao final de sua 35ª Cúpula, designa a China como desafio de longo prazo da Aliança. LEARY, Alex; PARTI, Tarini; LUBOLD, Gordon. EUA farão maior expansão militar na Europa em décadas. **Valor Econômico**, 30 jun. 2022, p. A17.

LXXIV KURIEN, Jacob. GEOXAVIER, Bernard Yudkin. The Political Economy of International Finance: A Revised Roadmap for Renminbi Internationalization. **Yale Journal of International Affairs**, dez. 2020. Disponível em: <https://www.yalejournal.org/publications/the-political-economy-of-international-finance-a-revised-roadmap-for-renminbi-internationalization>. Acesso em: 18 abr. 2022.

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

- LXXV HUDSON, Michael. *America has Just Destroyed a Great Empire*. **Counter Punch**, 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2023/06/30/america-has-just-destroyed-a-great-empire/>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- LXXVI BARROS, Paulo Fernando. A visão de mundo “jardim versus selva” do principal diplomata da UE não é apenas racista, é delirante. **Duna Express**, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://dunapress.com/2022/11/20/a-visao-de-mundo-jardim-versus-selva-do-principal-diplomata-da-ue-nao-e-apanas-racista-e-delirante/>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- LXXVII JONES, Cristopher. **Soviet Influence in Eastern Europe**: Political Autonomy and the Warsaw Pact. Praeger, 1981.
- LXXXIII GJOZA, Enea. **RMB Internationalization**: Implications for U.S. Economic Hegemony. Cambridge, Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard Kennedy School, 2018, p. 1.
- LXXXIX CARVALHO, Carlos Eduardo. GABRIEL, João Paulo Nicolini. Vigor da desvalorização depende da China. **Valor Econômico**, 04 abr. 2022, p. A17.
- LXXX RIAL, Sérgio. Guerra Fria e novo normal econômico. **Valor Econômico**, 02 mai. 2022, p. A15.
- LXXXI DAVIES, Howard. Sanções mudarão o sistema financeiro? **Valor Econômico**, 02 mai. 2022, p. A15.
- LXXXII KUGLER, Jacek; SILVEIRA, VanDICK; HARLEY, Hugh Anthony. Ucrânia e sistema global de lideranças. **Valor Econômico**, 06 mai. 2022, p. A17.

Referências Bibliográficas

- ALPEROVITZ, Gar. **The decision to use the atomic bomb and the architecture of na American myth**. New York: Knopf, 1995.
- ALENCASTRO, Mathias. Crise na Ucrânia expõe contradições em visões sobre o imperialismo. **Folha de São Paulo**, 20 fev. 2022.
- AMAL, Victor Wolfgang Kegel. A intervenção russa na guerra da Ucrânia (2014): raízes históricas do novo dilema geopolítico europeu. **XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasília: UNB, pp. 1-15, 2017.
- ARMS, Thomas. “NATO”, in **Encyclopedia of the Cold War**, 1994, pp. 434-436.
- BARCELLOS, Wanner de Oliveira. A defesa total Iugoslava como estratégia de dissuasão. **A Defesa Nacional**, n. 738, 1988, pp. 60-66.
- BARROS, Paulo Fernando. A visão de mundo “jardim versus selva” do principal diplomata da UE não é apenas racista, é delirante. **Duna Express**, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://dunapress.com/2022/11/20/a-visao-de-mundo-jardim-versus-selva-do-principal-diplomata-da-ue-nao-e-apanas-racista-e-delirante/>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- BARROSO, Juliana Lyra Viggiano. Segurança e uso da força no contexto da OTAN. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, 27, pp. 43-63, nov. 2006.
- BLUTH, Cristoph. Three theses on the Cold War. **Global Dialogue**, v. 3, n. 4, p 101-101, out. 2001.
- BRAGA, Carlos Primo. **Valor Econômico**, 02 mar. 2023, p. A15.
- BUZAN, Barry et. al. **Security: A New Framework for Analysis**. Londres: Lynne Rienner

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

Publishers, 1998. 300 p.

CALZADA, Oscar Alvarez. El flanco Sur del Pacto de Varsovia: Relevancia Estrategica y sus Consecuencias. **Papeles del Este**, n, 9, pp. 01-35, 2004.

CARVALHO, Carlos Eduardo. GABRIEL, João Paulo Nicolini. Vigor da desvalorização depende da China. **Valor Econômico**, 04 abr. 2022, p. A17.

CASTRO, Therezinha. Tchecoslováquia: expedientes da história. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 30, pp. 111-122, 1995.

CHADE, Jamil. Rússia exige que armas nucleares dos EUA na Europa sejam retiradas. **UOL Notícias**, 1 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/jamil-chade/2022/03/01/russia-exige-que-armas-nucleares-dos-eua-na-europa-sejam-retiradas.htm>. Acesso em: 2 maio 2022.

COMBAT, Flávio. **A historiografia sobre a Guerra Fria e os Limites do Pós-Revisionismo**. 2012. 461 f. Tese [Doutorado em História Comparada]. Instituto de História, Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

CONCEIÇÃO, Marcus Vinicius. A Revolução Húngara de 1956: Uma desmistificação do processo de desestalinização da União Soviética. **Movimentos Sociais**, Goiânia, v. 6, n. 09, 2021.

CRUZ, Marco Antônio Ferreira da. “NATO 2030”: A sobrevivência numa nova era. **Janus Anuário**, vol. 12, n. 1, mai-out, 2021, p. 13-16.

DAVIES, Howard. Sanções mudarão o sistema financeiro? **Valor Econômico**, 02 mai. 2022, p. A15.

DARCH, Colin. **The Makhnovshchina, 1917-1921: ideology, nationalism and peasant insurgency in early twentieth century Ukraine**. 1994. 562 p. Tese [Doctor of Philosophy] Department of Social and Economic Studies, University of Bradford, Richmond, 1994. Disponível em: <https://archive.org/details/Makhnovshchina CMDarch>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FEDERAÇÃO RUSSA. Ministério das Relações Exteriores. **The Foreign Ministry’s answers to the media questions submitted for the news conference on Russia’s foreign policy performance in 2021**. Disponível em: https://www.mid.ru/ru/foreign_policy/news/1795407/?lang=en. Acesso em: 27 mar. 2023.

FENBY, Jonathan. **Aliança: A Verdadeira História de como Roosevelt, Stálin e Churchill Venceram Uma Guerra e Iniciaram. Outra Lisboa**, Quidnovi, 544 p, 2008.

FERNANDES, Marisa. A reunificação política da Alemanha (1989/1990): no contexto das relações entre as grandes potências. **Lusíada: Política Internacional e Segurança**, n 10, pp. 83-123, 2014.

FERNANDÉZ, Teófilo Ruiz, La Primavera de Praga. **Tiempos de historia**, Ano IV, n. 45, pp.

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

38-51, ago. 1978.

FERREIRA, José Medeiros. Um discurso histórico? **Diário de Notícias**, 20 fev. 2007. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/2007/um-discurso-historico-653094.html>. Acesso em: 27 jan. 2022.

FIGUEIREDO, Filipe. Com a guerra, Rússia conseguiu justamente a expansão da OTAN. **Gazeta do Povo**, 06 mai. 2022.

_____. A maior revisão da OTAN em 30 anos. **Gazeta do Povo**, 28 jun. 2022.

_____. Cálculos eleitorais dificultam novos parlamentos de países da OTAN. **Gazeta do Povo**, 04 abr. 2023.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rocco, 2015, 488 p.

GELIS FILHO, Antônio. Ataque da Rússia à Ucrânia busca estabelecer nova ordem mundial. **Folha de São Paulo**, 26 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/ataque-da-russia-a-ucrania-busca-estabelecer-nova-ordem-mundial.shtml>. Acesso em: 30 fev. 2022.

GIELOW, Igor. Finlândia pede para entrar na OTAN, e Rússia ameaça com retaliação. **Folha de São Paulo**, 12 mai. 2022.

GJOZA, Enea. **RMB Internationalization: Implications for U.S. Economic Hegemony**. Cambridge, Belfer Center for Science and International Affairs, Harvard Kennedy School, 2018, 48 p.

GLANTZ, David. **The Soviet-German War 1941-1945: myths and realities: a survey essay**. Strom Thurmond Institute of Government and Public Affairs. Clemson University, out. 11, 2001.

GLOBAL SECURITY. **Black Sea Fleet**. 2016. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mf-black.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.

HASTINGS, Max. **Winston's War: Churchill 1940-1945**. Vintage, 2011, 555 p.

HENDRICH, Cornelia Karin. Archivfund bestätigt Sicht der Russen bei Nato-Osterweiterung. **Welt**, 18 fev. 2022.

HILL, Fiona; STENT, Angela. The World Putin Wants: How Distortions About the Past Feed Delusions About the Future. **Foreign Affairs**, set. 2022. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/russian-federation/world-putin-wants-fiona-hill-angela-stent>. Acesso em: 2 set. 2022.

HOBSBAWM, Eric John. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995, 1087 p.

HUDSON, Michael. America has Just Destroyed a Great Empire. **Counter Punch**, 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2023/06/30/america-has-just-destroyed->

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E
GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

a-great-empire/. Acesso em: 9 jul. 2023.

JOHNSON, Simon. USTENKO, Oleg. O fim da Rússia como potência energética. **Valor Econômico**, 05 abr. 2022, p. A15.

JONES, Claire. The impact of throwing Russia out of SWIFT. **Financial Times**, 25 fev. 2022.

JONES, Cristopher. **Soviet Influence in Eastern Europe**: Political Autonomy and the Warsaw Pact. Praeger, 1981.

KALB, Marvin. **Putin, Ukraine and New Cold War**. Washington: Brookings, 2015.

KUGLER, Jacek; SILVEIRA, VanDick; HARLEY, Hugh Anthony. Ucrânia e sistema global de lideranças. **Valor Econômico**, 06 mai. 2022, p. A17.

LAFFEBER, Walter. **America, Russia, and The Cold War 1945 - 1996**. Mcgraw-Hill College, 8 ed, 1996, 416 p.

LEARY, Alex; PARTI, Tarini; LUBOLD, Gordon. EUA farão maior expansão militar na Europa em décadas. **Valor Econômico**, 30 jun. 2022, p. A17.

LIPPMANN, Walter. **The Cold War**. Foreign Affairs, v. 65, n.4, 1987, pp. 869-884.

LOPES, Rodrigues. Pedidos de ingresso na OTAN e a barganha russa. **Zero Hora**, 17 mai. 2022, p. 13.

LÓPES, Bernardino Buceta. Situación em los países del Pacto de Varsovia. **Cuardenos de estratégia**, n. 36, pp. 59-74, 1991.

LOUREIRO, Felipe. Reflexões sobre a longa história de construção nacional Russa e Ucrâniana: do Principado de Kiev ao governo de Volodymyr Zelensky. In: **Linha vermelha**: a guerra da Ucrânia e as relações internacionais do século XXI. Campinas: Editora da UNICAMP, 2022. p. 47-68.

LUNDSTAD, Geir. "Empire by invitation? **The United States and Western Europe 1945-1952**, **Jornal of Peace Research**, 1986. p. 263-277.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Zahar, 1, ed., 2018, 258 p. [livro eletrônico].

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine crisis is the West's fault: the liberal delusions that provoked Putin. **Foreign Affairs**, out. 2014.

MELLEN, Ruby; MORIARTY, Dulan. Four maps explain how Sweden and Finland could alter NATO's security. **The Washington Post**, 19 mai. 2022.

MIELNICZUK, Fabiano. A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais. **Conjuntura Austral**, v. 5, n. 23, pp. 4-20, mai. 2014.

MILHAZES, José. **Cunhal, Brejnev e o 25 de abril**: porque é que a União Soviética não quis

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

a revolução socialista em Portugal. Dom Quixote, 2013. Kindle edition.

MÜLLER, Wolfgang. Der Warschauer Pakt und Österreich 1955-19991. In RAUCHENSTEIGER, Manfred (Org. **Zwischen Den Blocken: Nato, Warschauer Pakt Und Österreich**, Bohlau Verlag, 2010, pp. 135-192.

MUNHOZ, Sidnei José. A organização do Tratado do Atlântico Norte. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; LEÃO, Karl Schurster de Souza. (Orgs.). **Atlântico: a História de um Oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 433-461.

_____. **Guerra Fria: história e historiografia**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE – OTAN. **The North Atlantic Treaty**. Washington, 04 abr. 1949, última atualização em 19 jun. 2017. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm. Acesso em: 26 fev. 2022.

PHYTHIAN, Mark. Intelligence theory and theories of international relations: Shared world or separate worlds? In: GILL, Peter; MARRIN, Stephen; PHYTHIAN, Mark. **Intelligence Theory: Key questions and debate**. Abingdon: Routledge, pp. 54-72, 2009.

PIAMOLINI, Alexandre. A Revolução de Veludo e a transição política e econômica na Tchecoslováquia. **Revista das Relações Exteriores**, 17 nov. 2021.

PUTIN, Vladimir Vladimirovitch. **Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy**. Moscow: President of Russia Official Web Portal, 2007. Disponível em <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>. Acesso em 04 mar. 2023.

_____. **On the histórica Unity of Russian and Ukrainians**. Kremlin, 21 jul. 2021. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>. Acesso em: 28 fev. 2022.

_____. **Vladimir Putin's Televised Address on Ukraine**. 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-02-24/full-transcript-vladimir-putin-s-televised-address-to-russia-on-ukraine-feb-24>. Acesso em: 02 mar. 2022.

RIAL, Sérgio. Guerra Fria e novo normal econômico. **Valor Econômico**, 02 mai. 2022, p. A15.

SACCOMANDI, Humberto. Ampliação da OTAN expõe erro estratégico de Putin. **Valor Econômico**, 13 mai. 2022, p. A15.

SANTIESTEBAN, Orisel Sierra. La política interna y exterior de Alemania con Angela Merkel. **Política Internacional**, n. 26, pp. 63-80, 2007.

SANTO, Gabriel Augusto do Espírito. O Novo Conceito Estratégico da OTAN e os Interesses de Portugal. **Revista Militar**, n. 2505, out, 2010.

SANTOS, Bruna Maria dos; *et al.* Inserção da OTAN: Negociação entre a Grécia e a Macedônia

EXPANSÃO DA OTAN PÓS FIM DA URSS: IMPACTOS PARA SEGURANÇA RUSSA E
GEOPOLÍTICA GLOBAL

FERNANDES, A.
SILVEIRA, M. C. B.

entre 1990 e 2019. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 19, n. 38, pp 328-347, 2020.

SAYLE, Timothy Andrews. **Enduring Alliance: A History of NATO and the Postwar Global Order**. Cornell University Press: Illustrated edição, 2019, 360 p. Kindle edition.

SEEDON, Max. MILNE, Richard. Putin signals acceptance of Finland and Sweden joining Nato. **Financial Times**, 16 mai. 2022.

SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo**. Curitiba: Editora Prismas, 2015, 253 p.

STEIL, Benn. **A Batalha de Bretton Woods**. Barcelona: Centro Libros PAPF, 2016. Kindle edition.

TROIANOVSKI, Anton. Putin and West Spar Over NATO's Military Ties to Ukraine. **New York Times**, 01 dez. 2021.

UNIÃO EUROPÉIA. Conselho Europeu. **Conclusões Reunião do Conselho Europeu (23 e 24 de junho de 2022)**. Bruxelas, 24 JUN. 2022. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/media/57465/2022-06-2324-euco-conclusions-pt.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

VILLELA, Stephanie Casanova. Considerações das Relações Diplomáticas OTAN-Rússia. João Pessoa: **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 10, n. 19, pp. 114-129, 2023.

WOLF, Martin. É hora de reduzir a compra de gás russo. **Valor Econômico**, 06 abr. 2022, p. A13.